

UNIVERSIDADE FEDERAL DE MINAS GERAIS  
FACULDADE DE EDUCAÇÃO DA UFMG  
CURSO DE ESPECIALIZAÇÃO LATO SENSU EM DOCÊNCIA NA  
EDUCAÇÃO BÁSICA

Cristiany Maria do Socorro Araujo

**A ÁFRICA QUE EXISTE EM NÓS: UMA EXPERIÊNCIA  
PEDAGÓGICA NA EDUCAÇÃO INFANTIL**

Belo Horizonte  
2010

Cristiany Maria do Socorro Araujo

## **A ÁFRICA QUE EXISTE EM NÓS: UMA EXPERIÊNCIA PEDAGÓGICA NA EDUCAÇÃO INFANTIL**

Trabalho de Conclusão de Curso de Especialização apresentado como requisito parcial para a obtenção do título de Especialista em História da África e Cultura Afro-Brasileira, pelo Curso de Pós-Graduação *Lato Sensu* em Docência na Educação Básica, da Faculdade de Educação / Universidade Federal de Minas Gerais.

Orientadora: Liliane dos Santos Jorge  
Co-Orientadora: Miriam Lúcia dos Santos Jorge

Belo Horizonte  
2010

Cristiany Maria do Socorro Araujo

## **A ÁFRICA QUE EXISTE EM NÓS: UMA EXPERIÊNCIA PEDAGÓGICA NA EDUCAÇÃO INFANTIL**

Trabalho de Conclusão de Curso de Especialização apresentado como requisito parcial para a obtenção do título de Especialista em História da África e Cultura Afro-Brasileira, pelo Curso de Pós-Graduação *Lato Sensu* em Docência na Educação Básica, da Faculdade de Educação / Universidade Federal de Minas Gerais.

Orientadoras: Liliane dos Santos Jorge  
Co-Orientadora: Miriam Lúcia dos Santos Jorge

Aprovado em 11 de dezembro de 2010.

### **BANCA EXAMINADORA**

---

Liliane dos Santos Jorge – Faculdade de Educação da UFMG

---

Miriam Lúcia Jorge – Faculdade de Educação da UFMG

---

Maria José Batista Pinto- Faculdade de Educação da UFMG

## RESUMO

O presente trabalho relata uma Intervenção Pedagógica realizada em uma Escola Municipal de Educação Infantil (UMEI), da cidade de Belo Horizonte, em uma turma de crianças com idades entre 4 e 5 anos.

O trabalho pretendeu contribuir para a inclusão da História da África e da cultura Afro-brasileira no currículo escolar, em referência a lei Federal 10.639/03.

Dentre os objetivos do trabalho, pretendeu-se levar as crianças a conhecer e valorizar a cultura afro-brasileira na escola e na sociedade e conseqüentemente, fortalecer a auto estima e o respeito às diferenças.

A intervenção foi dividida em quatro etapas. Na primeira etapa denominada “**Por que somos diferentes?**”, foram enfocados temas relacionados à família, às diferenças entre as pessoas e ao respeito à essas diferenças.

Na segunda fase, “**Conhecendo a África**”, a tática principal foi em o continente africano e sua localização geográfica, bem como aspectos da história dos africanos que foram trazidos para o Brasil, sem focar muito na escravidão em si, e sim na luta dos negros para a libertação.

Já na terceira fase, “**Música, capoeira e muita cultura**” foram desenvolvidas atividades relacionadas a aspectos da cultura afro, presentes no nosso cotidiano. Para culminar, foi apresentada às crianças a história de um herói negro: Zumbi, líder máximo do Quilombo de Palmares e explicado a relação entre este e o dia 20 de novembro, Dia Nacional da Consciência Negra.

Para alcançar os objetivos propostos, utilizamos as seguintes metodologias: rodas de conversa, literatura, atividades artísticas, filme, oficinas e música.

Por fim, essa intervenção apontou possibilidades de realização de inúmeras atividades. Conclui-se com isso, que o trabalho com as relações étnico-raciais deve ser um constante dentro da instituição e que há a necessidade de se formar educadores críticos preparados para lidar com a diversidade cultural na escola e conscientes de que é no período que abrange a idade entre zero a seis anos que são lançadas as bases para as aprendizagens futuras e formação da identidade da criança.

**Palavras-chave:** raça- educação infantil-cultura afro-brasileira

## SUMÁRIO

|                                     |           |
|-------------------------------------|-----------|
| <b>1. INTRODUÇÃO.....</b>           | <b>06</b> |
| <b>2. DESENVOLVIMENTO.....</b>      | <b>17</b> |
| <b>3. AVALIAÇÃO.....</b>            | <b>43</b> |
| <b>4. CONSIDERAÇÕES FINAIS.....</b> | <b>44</b> |
| <b>5. REFERÊNCIAS.....</b>          | <b>46</b> |
| <b>6. ANEXOS (se houver).....</b>   | <b>48</b> |

## 1. INTRODUÇÃO

### 1.1. Descrição do contexto: A UMEI Caetano Furquim



UMEI Caetano Furquim

Foto: Cristiany Araujo

A Unidade de Educação Infantil Caetano Furquim (UMEI Caetano Furquim) é integrante da Rede Municipal de Educação de Belo Horizonte. Constitui anexo da Escola Municipal Wladimir de Paula Gomes e está localizada na região Leste de Belo Horizonte, à Rua Mayrink, nr. 625, bairro Caetano Furquim.

A criação da UMEI se deu para atender à necessidade das famílias deixarem suas crianças em um lugar seguro para que pudessem trabalhar.

O atendimento às crianças pequenas era um sonho antigo da comunidade. Na década de 70, um grupo de mulheres reunia-se sistematicamente na sede do centro Cultural, participando de um movimento que reivindicava construções de creches. No entanto, o grupo dissolveu-se sem conseguir alcançar seus objetivos.

No decorrer dos anos, por iniciativa de ONGs, foram fundadas creches na região que atenderam parte da demanda.

O programa Primeira Escola, implantado a partir de 2004 resultou na construção de algumas unidades de educação infantil. Foram escolhidos locais onde os terrenos estavam em situação legal e onde houvesse muitas famílias em condições de vulnerabilidade social.

A comunidade foi contemplada, então, com uma Unidade de Educação Infantil. A UMEI Caetano Furquim foi inaugurada em outubro de 2004 e é considerada pela comunidade a vitória de uma reivindicação. Do total das vagas oferecidas, 70% destinam-se às crianças em situação de vulnerabilidade social na faixa etária de 0 a 5 anos e 8 meses. Atualmente há 235 crianças matriculadas.

A equipe de profissionais da UMEI é formada por 34 educadoras, 2 auxiliares de secretaria, 2 porteiros, 2 vigias e 9 funcionários responsáveis pela limpeza, merenda e serviços gerais.

As educadoras da escola possuem formações acadêmicas variadas, dentre elas, destacamos os cursos de pedagogia, normal superior, história, psicologia, letras e ciências sociais. Seis educadoras possuem ensino médio e estão cursando o superior. Trinta por cento das educadoras, concluíram curso de especialização em áreas da educação.



Foto: Cristiany Araujo



Foto: Cristiany Araujo

A estrutura física da escola está adaptada às necessidades das crianças pequenas, com móveis, máquinas, utensílios, acessibilidade, iluminação natural, ventilação cruzada, intervenções lúdicas com cores vivas. A escola possui sete salas de aula, sala de professores, sala de multiuso, sala de direção, secretaria, dois banheiros infantis, sanitário público, sanitários para funcionários e professores, fraldário, lactário, despensa, cantina, refeitório, parquinho e lavanderia. Possui muitos livros de literatura e um pequeno acervo para adultos. Contudo, ainda há muito a ser melhorado.

As melhorias necessárias, segundo a opinião das educadoras, giram em torno da construção de banheiros e fraldários dentro da sala de aula para as crianças do primeiro ciclo (zero a dois anos); a construção de uma biblioteca; um pátio coberto maior que abrigue todas as crianças nos dias de muito sol ou chuva, ampliação do refeitório, um parquinho equipado com mais brinquedos e com manutenção periódica, um depósito ou oficina para reciclagem de materiais, a construção de um estacionamento para veículos das educadoras e funcionários.

O Projeto Político Pedagógico da escola -PPP- foi elaborado em 2006 com a participação dos pais e professores e como todo PPP, é um documento que configura a identidade da escola; é um instrumento do trabalho que indica rumo, direção e foi construído com a participação de todos os profissionais da instituição e demais membros da comunidade escolar, sendo imprescindível para a promoção da aprendizagem, principalmente dos que estão no início das descobertas sobre o mundo que o cerca.

Conforme os Referenciais Curriculares para a Educação Infantil, o PPP tem como princípios básicos cuidar e educar. Assim o PPP propõe um trabalho de qualidade que contemple os aspectos afetivos, emocionais, sócio-culturais, físicos e cognitivos inerentes ao desenvolvimento pleno da criança. É por meio dos projetos que garantem o direito de brincar, que potencializam o processo de letramento e o conhecimento lógico matemático, que desenvolvem atividades que auxiliam a reconstrução das igualdades étnicas, que promovem a diversidade e atitudes de respeito à natureza, que concretizamos nosso trabalho na UMEI Caetano Furquim.

## **1.2 UMEI Caetano Furquim: o início de uma trajetória profissional**

A minha relação com a educação infantil e com UMEI Caetano Furquim começou em 2004, três meses após a sua inauguração, quando fui nomeada educadora infantil em um concurso público da prefeitura da cidade de Belo Horizonte.

Antes disso, nunca havia lecionado. Decidi que deveria buscar formação profissional; em 2007 conclui o curso Normal Superior com ênfase em educação

infantil. Particpei de várias outras formações, seminários, intercâmbios de experiências e cursos diversos. Atualmente busco me especializar em História da África e Culturas Afro-Brasileiras, não somente pela exigência da lei 10639/2003, e sim por acreditar que é necessário propor e construir intervenções nas escolas, no sentido de reverter as imagens negativas que a sociedade tem do indivíduo negro. Assim, fui me tornando uma educadora em permanente processo auto-formativo.

Trabalhei com várias turmas, do berçário aos cinco anos de idade. Atualmente tenho uma turma de crianças de um a dois anos de idade, no período da tarde.

Aos poucos, fui buscando o meu espaço dentro da escola, e com algumas motivações, procurei construir uma prática com significado para mim e principalmente, para as crianças.

Passei por várias experiências enriquecedoras e descobri o gosto pela educação infantil, pelo trabalho pedagógico e pela temática das relações étnico-raciais. Portanto ao recordar a minha trajetória e memórias, faço uma reflexão sobre mim mesma e sobre as minhas práticas, a partir do que disse Paulo Freire:

“Na formação permanente dos professores, o momento fundamental é o da reflexão crítica sobre a prática. É pensando criticamente a prática de hoje ou de ontem que se pode melhorar a próxima prática”. FREIRE (1996, p. 10)

É nesta perspectiva que refaço o caminho, repenso o presente e espero um futuro com multiplicidade de dimensões.

### **1.3. Descrevendo a turma e justificando a escolha**



Como citado anteriormente, atualmente trabalho com uma turma de crianças de um a dois anos de idade.

Ao contrário do que muitos pensam, o trabalho com a criança pequena, nos possibilita criar inúmeras atividades que tenham como objetivo o desenvolvimento integral da criança, incluindo a formação de sua identidade e a consciência de seu pertencimento étnico.

Comecei a desenvolver o Plano de Ação Pedagógica nessa turma, com a contação da história “O livro da Família”. A partir daí as idéias foram surgindo e me deparei com algumas dificuldades.

O Plano de Ação projetado incluía algumas atividades realizadas fora do espaço escolar e, pensando na dificuldade de deslocar-me da escola com as crianças pequenas, resolvi desenvolver as atividades em outra turma.

A educadora Juliana, professora titular de uma turma com crianças com idade entre quatro e cinco anos, estava desenvolvendo um projeto de literatura denominado: Projeto literário “Lê prá Mim”. Em seu projeto, dois livros me chamaram a atenção, “Menina Bonita do Laço de Fita” e “A Bonequinha Preta”. Vi ali uma possibilidade de trabalho em parceria com a professora, dando às histórias um enfoque voltado para as questões étnico-raciais e para a construção da identidade.

A educadora titular dessa turma é Juliana Borges Faria. Ela trabalha na instituição há aproximadamente três anos e tem muito carinho pela turma em questão. Desenvolve um trabalho muito voltado para o diálogo com as crianças e a rodinha de conversa é uma constante na sala de aula.

Após conversar com a educadora Juliana, resolvi desenvolver o plano de ação em sua turma. Trabalhei então com uma turma de crianças com idade entre quatro e cinco anos. A turma é composta por 18 alunos, sendo que quatro são meninas e 14 são meninos.

A maioria das crianças já participou do convívio escolar, todas são moradoras da comunidade e pertencentes à família de baixa renda.

Observando a anamnese das crianças, percebi muitos membros das famílias estão desempregados, outros são porteiros, empregadas domésticas, seguranças, lavadores de ônibus, padeiros e caminhoneiro. Em relação à escolarização dos familiares, encontramos níveis distintos. Há aqueles que concluíram ensino médio (minoridade), alguns estudaram até a 4ª série, ensino fundamental completo ou são analfabetos.

A maioria freqüenta igreja católica e a outra parte é evangélica, nenhuma família declarou ser de religião de matriz africana. Em relação à cor da pele, somente uma mãe declarou que a filha é negra; a maioria declara que os filhos são de cor parda e a outra parte declara que os filhos são brancos.

Os pais informaram na ficha, que matricularam as crianças, em sua maioria, por que precisam trabalhar e não tem condições de pagar alguém para olhá-los.

Ao serem questionados sobre o motivo pelo qual escolheram a escola, a maioria das mães informou que tiveram ótimas referências, outra disse que o filho mais velho já estudou na escola e foi muito bem tratado.

Quando perguntados sobre o que esperam para o futuro dos filhos, as respostas foram diversificadas, esperam felicidade, boa adaptação na escola, esperam que os filhos estudem e façam o que gostem, que sejam trabalhadores, educados, que tenham boa índole, que arrumem emprego digno, que tenham saúde e limites.

Em relação à aprendizagem, a educadora Juliana me relatou que os alunos encontram-se em níveis semelhantes de saberes. As crianças, em sua maioria, conversam naturalmente e relatam fatos. É perceptível o interesse pelas histórias e brincadeiras. Apreciam atividades coletivas, observando com atenção os colegas. Questionam e comentam situações das quais se lembram durante as tarefas propostas.

Estive por alguns momentos observando a turma, conversei com as crianças e conclui que, em âmbito geral, pode-se afirmar que se instigados e estimulados essa turma reage positivamente, tornando mais desafiador o trabalho e também recompensador.

#### **1.4. Justificativa**

“Ninguém nasce odiando outra pessoa pela cor de sua pele, por sua origem ou ainda por sua religião. Para odiar as pessoas precisam aprender; e, se podem aprender a odiar, podem ser ensinadas a amar!”

*Nelson Mandela*

A Lei Federal 10.639/03, em vigor desde janeiro de 2003, torna obrigatório o ensino da história e cultura afro-brasileira em todas as escolas de ensino Fundamental e Médio, públicas e particulares.

A legislação brasileira, nas últimas décadas, tem contemplado a Educação Infantil. Isso ocorreu a partir da promulgação da Constituição Federal de 1988 (Art. 208, Inciso IV), na aprovação da Lei das Diretrizes e Bases da Educação Nacional (Lei n. 9.394/96) e no Referencial Curricular Nacional de Educação Infantil (RCNEI - BRASIL, 1998). IV. Nestes documentos, a Educação Infantil vem sendo respeitada, sendo considerada como um dos instrumentos necessários para dar início à educação e à socialização das crianças.

A Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDB 9.394/96) reconhece a educação infantil como a primeira etapa da educação básica e constitui-se etapa fundamental do processo educativo.

Um olhar atento sobre a realidade das crianças e da população em geral do Brasil mostra uma sociedade multirracial e pluri-étnica que faz de conta que o racismo, o preconceito e a discriminação não existem. No entanto, o racismo aparece a todo o momento, ora de modo velado, ora escancarado, e estão presentes na vida diária.

A escola é o ambiente onde vários grupos sociais se encontram, vivenciam e promovem constantes diálogos e conflitos. Para a criança negra, o ambiente escolar pode ser o espaço para a disposição da sua identidade.

A autora Eliane Cavalleiro, em seu livro “Do silêncio do lar ao silêncio escolar”, mostra que dentro do espaço escolar, especialmente na educação infantil, o racismo se manifesta de forma contundente. Segundo a autora, o preconceito e a discriminação são conceitos pré-estabelecidos que se iniciam no lar e se perpetuam dentro da escola.

Nos livros didáticos, o negro geralmente não está presente, e quando o está, aparece como personagem associado à escravidão, a maldade, a coisas ruins, sujas ou trágicas, com isso, a criança em seu processo de formação, internaliza essas projeções, passa a se achar feia e armazena imagens negativas de si mesma.

Com a ausência do componente negro na escola, as crianças negras são privadas de conhecerem a sua história. História essa, que vai muito além do processo da escravidão.

A escola necessita reformular conteúdos e problematizar a questão do negro no contexto escolar. Dando a conhecer a diversidade cultural da criança negra e criando possibilidades de conhecimento da sua cultura e formação de sua identidade.

A criança negra precisa se ver como negra e aprender a gostar e a respeitar a sua imagem.

A educação para as relações étnico-raciais requer um trabalho constante, pois somente as Leis não são capazes e promover mudança de mentalidade, como afirma (MUNANGA: 2001):

“Não existem leis no mundo que sejam capazes de erradicar as atitudes preconceituosas presentes nas cabeças das pessoas, atitudes essas provenientes dos sistemas culturais de todas as sociedades humanas. No entanto, cremos que a educação é capaz de oferecer tanto aos jovens como aos adultos a possibilidade de questionar e desconstruir os mitos de superioridade e inferioridade entre grupos humanos que foram introjetados neles pela cultura racista na qual foram socializados”. (p.9)

A educação infantil é significativa para o desenvolvimento humano e formação da identidade da criança. Os espaços educacionais são privilegiados para promover a eliminação do preconceito, racismo e discriminação, fazendo com que as crianças, desde muito pequenas, compreendam e se envolvam em ações que valorizem a importância dos diversos grupos étnico-raciais.

Partindo desses pressupostos, por que não começar a trabalhar a questão racial nessa fase?

Para trabalhar a questão racial na Educação Infantil é fundamental conhecermos o que é ser criança e suas formas de falar e interagir.

A criança entre quatro e seis anos de idade vive uma fase de descobrimento do seu eu, e também, questiona tudo ao seu redor. É importante aproveitar esse momento para trabalhar a questão da identidade, da valorização do eu, do conhecimento acerca da cultura africana e do negro.

Como educadora, acredito que é preciso trabalhar a discussão da diversidade já na infância reconhecendo a importância da aplicação da lei na luta contra o racismo para que todos possam se identificar no espaço escolar. Acredito em uma proposta pedagógica voltada para a conscientização, o interesse, a valorização da cultura e a identidade negra, privilegiando a questão da diversidade e a auto-aceitação. Se a criança não for preparada desde cedo, dificilmente romperá com os preconceitos possivelmente presentes em seu meio e tenderá a repetir os padrões de discriminação que aprender.

Levando-se em consideração que vivemos em um país onde a população evidentemente plural, não se pode mais permitir que tantas crianças neguem sua

identidade porque não conhecem sua história, ou por conhecerem uma história da qual sentem vergonha.

O Plano de Ação Pedagógica será desenvolvido não apenas focando as crianças afro-descendentes e sim o grupo como um todo, o intuito de promover uma educação racial de negros e não-negros. Se por um lado, trabalhar a valorização do negro, de sua cultura e sua história favorecerá as crianças negras, sua auto-estima e sua identidade, por outro lado, as crianças brancas também serão beneficiadas, pois não serão educadas achando que praticar o racismo, o preconceito e a discriminação é normal.

A educação brasileira precisa conhecer e vivenciar a diversidade das crianças e principalmente ser um instrumento de crescimento cultural, de descoberta de experiências étnico-raciais. A valorização da cultura negra se faz essencial para eliminar os estereótipos e preconceitos acerca do negro.

Nesse sentido, Ribeiro (2002, p. 150) afirma:

"Crianças brasileiras de todas as origens étnico-raciais têm direito ao conhecimento da beleza, riqueza e dignidade das culturas negro-africanas. Jovens e adultos têm o mesmo direito. Nas universidades brasileiras, procure nos departamentos as disciplinas que informam sobre a África. Que silêncio lamentável é esse, que torna invisível parte tão importante da construção histórica e social de nosso povo, e de nós mesmos?".

É essencial considerar e adequar o conteúdo de trabalho, previsto pela Lei 10.639/03, ao interior das unidades de educação infantil, promovendo a valorização, não apenas a discussão do assunto, mas propondo atividades que possam contribuir com os processos de "ação afirmativa", valorização da auto-estima, conhecimento e reconhecimento da importância dos vários povos, notadamente os ascendentes africanos, na constituição de nosso povo e cultura.

A educação precisa cumprir seu papel na sociedade, formando homens que valorizam o seu povo e sua história.

Portanto, justifico a realização deste Plano de Ação Pedagógica na escola onde trabalho, como uma necessidade de valorizar o negro e a cultura africana, pois, não há como eliminar o preconceito e a discriminação enquanto houver crianças e adultos com vergonha da sua cor.

## **1.5. Objetivos**

### **Objetivos Gerais:**

- Reconhecer nossas origens e firmar a identidade cultural e afro-descendente, tendo como ponto de partida as nossas descendências familiares, bem como as nossas raízes africanas;
- Valorizar as características étnicas das crianças afro-descendentes, possibilitando sua identificação, a partir do princípio do respeito às diferenças e do fortalecimento da auto-estima;
- Conhecer e valorizar a cultura afro-brasileira na escola e na sociedade.

### **Objetivos Específicos:**

- Conhecer e valorizar a origem e histórico de cada criança dentro do grupo;
- Reconhecer a sua etnia representada nas gravuras das revistas;
- Entender que a cor da pele de cada um tem relação com a cor da pele dos pais;
- Valorizar a estética do cabelo crespo;
- Acolher a diversidade material e cultural das crianças, atentando ao combate dos preconceitos raciais e outros;
- Valorizar a oralidade como instrumento de transmissão de conhecimento;
- Introduzir elementos de valores da cultura afro-brasileira através da música, dos instrumentos musicais, da capoeira, do artesanato e outras manifestações artístico-culturais;
- Interagir com os espaços não escolares, possibilitando o acesso a equipamentos públicos e manifestações culturais presentes na comunidade;
- Conhecer a história de Zumbi, mostrando às crianças que heróis negros brasileiros que participaram dessa história e assim, levando a criança a perceber, sentir e reconhecer que os africanos contribuíram com sua cultura, seus conhecimentos, sua língua para a construção da sociedade brasileira.

## **1.6. Metodologia**

A proposta pedagógica foi desenvolvida no período que compreende os meses de agosto a novembro de 2010, com início em quatro de agosto e a culminando no dia 19 de novembro. O trabalho foi realizado nos meus horários de estudos, aproximadamente três vezes por semana, com duração de 1 hora cada aula.

Para a realização do Plano de Ação, contei com a colaboração da professora titular da turma, a Juliana. Ela auxiliou para que as atividades fossem realizadas da melhor maneira possível e, em alguns momentos, deu seqüência as atividades iniciadas por mim.

Além do espaço da sala de aula, utilizamos o pátio e espaços extra-escolares, como por exemplo, a Associação Comunitária do bairro.

Para alcançar os objetivos propostos, utilizamos as seguintes estratégias metodológicas: rodas de conversa, atividades relacionadas à literatura, atividades artísticas, exibição de filme, oficinas e música.

Na seqüência didática, utilizamos livros de literatura infantil que abordam a imagem do negro positivamente e valorizam a sua cultura. Por meio da literatura, trabalhamos a auto-estima das crianças, o respeito às diferenças, mostramos imagens positivas e aspectos da cultura afro-brasileira.

Utilizamos cinco livros de literatura infantil relacionados à temática: “O Livro da Família”, “Menina Bonita do Laço de Fita”, “As tranças de Bintou”, “Berimbau” e “Bruna e a galinha d’Angola” e também proporcionamos uma sessão de cinema com o filme “Kiriku e a Feiticeira”.

Todas as leituras foram seguidas de recontos, oficinas, trabalhos artísticos (colagens, ilustrações, pinturas, artesanatos) e rodas de conversas com perguntas e questionamentos sobre a identidade, a constituição das famílias, as diferenças, os costumes dos povos africanos. Todas essas atividades foram relacionadas às histórias contadas e tiveram como objetivo levar as crianças a conhecer e valorizar a cultura afro-brasileira, respeitar as diferenças e melhorar a auto-estima das crianças negras.

Dentre os trabalhos artísticos, confeccionamos cartazes, murais, desenhos espontâneos; pintamos panôs e modelamos, na argila, vasilhas e galinhas d’Angola.

Os recursos utilizados foram os mais diversos possíveis, como por exemplo, tecidos, enfeites de cabelos, tinta, cola, tesoura, variados tipos de papel, argila, fitas coloridas, data show, DVDs, CDs, lápis de cor, giz de cera, canetinhas, globo terrestre, mapas, computador, internet, livros de literatura diversos, revistas, bonecas negras, etc.

Ressaltamos que o trabalho se inserirá na proposta pedagógica da escola, isto significa que o tema será trabalhado permanentemente, e, nessa perspectiva, é possível criar condições para resolver problemas que surgem no dia-a-dia relacionados ao racismo. Aos poucos, acredito que o respeito à diversidade será um princípio dessa instituição e de todas as pessoas que nelas atuam.

## 2. DESENVOLVIMENTO DO PLANO DE AÇÃO PEDAGÓGICA

O desenvolvimento do trabalho ocorreu em quatro fases distintas.

### **PRIMEIRA FASE: “Por que somos diferentes?”.**

Na primeira fase, denominada “**Por que somos diferentes?**” conversei com as crianças sobre temas relacionados à família, as diferenças entre as pessoas, o pertencimento étnico racial e a valorização dos traços físicos das pessoas negras.

O desenvolvimento do trabalho voltado para a identidade visa à percepção de que somos diferentes em alguns momentos, iguais em outros, e que somos frutos de uma sociedade multicultural e pluriétnica.

Utilizei três livros de literatura infantil para a abordagem do tema. O primeiro deles foi “O Livro da Família”, que aborda as diferentes constituições familiares e os livros “Menina bonita do laço de fita” e “As tranças de Bintou”, que me possibilitaram uma conversa sobre os padrões de beleza, o respeito às diferenças e a valorização da beleza negra e dos cabelos das crianças negras, mostrando possibilidade de abordar o tema de forma positiva e construtiva, favorecendo o conhecimento de culturas de povos da África.

| ATIVIDADES       | DESENVOLVIMENTO E COMENTÁRIOS  |
|------------------|--|
| Roda de conversa | Foram feitas perguntas relacionadas a família e as diferenças. Perguntei as crianças: com quem moram? Quem são seus pais? De onde vieram? Com quem vocês se parecem? Por que são diferentes umas das outras?<br><br>A conversa não se limitou aos aspectos físicos, as crianças também falaram de seus gostos e de suas preferências |



**O LIVRO DA FAMÍLIA**

Leitura do livro


Fiz a leitura da história para as crianças e em seguida fizemos o reconto da história. O reconto foi registrado por mim em uma cartolina. Continuamos a nossa conversa referente às diferentes constituições familiares e o respeito às diferenças.

As crianças ouviram atentamente e ficaram maravilhadas com as ilustrações do livro.

Manuseio de revistas, leitura visual e confecção de cartaz

Distribuí revistas, uma para cada criança e pedi que procurassem gravuras de famílias. Em seguida, sugeri que encontrassem, nas gravuras recortadas previamente por mim ou naquelas que eles encontraram, pessoas que se parecessem com eles. Fizemos algumas comparações entre a aparência deles e das pessoas das gravuras.

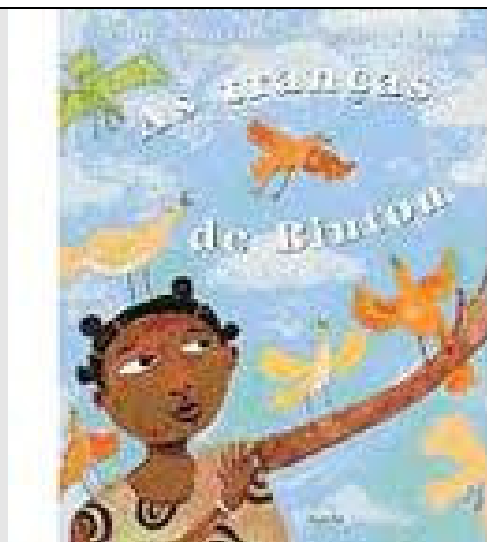
Tomei o cuidado de “montar” uma família negra com todos os representantes: pai, mãe, irmãos e avós. Foi necessário utilizar diferentes gravuras.

|  |   |
|--|---|
|  |   |
| <p><b>MENINA BONITA DO LAÇO DE FITA</b></p> <p>Leitura do livro</p>                | <p>Fiz a leitura do livro. Antes da leitura, contei que quem escreveu a história foi Ana Maria Machado, uma escritora brasileira que escreve livros para crianças, principalmente. Mostrei outros livros da escritora para as crianças.</p> <p>Fizemos o reconto da história e como na história anterior, registrei o reconto em uma cartolina.</p>   |
| <p>Roda de conversa sobre a história</p>   | <p>Conversamos sobre o livro “Menina bonita do laço de fita”.</p> <p>Qual a parte que mais gostaram? Por quê? A avó da menina bonita veio da África, o que vocês já ouviram falar sobre África. Sabem onde fica? Longe ou perto? Como será que fazemos para chegar até a África?</p> <p>(As perguntas foram as mais diversas possíveis e elaboradas de acordo com as respostas das crianças).</p> <p>Falamos também sobre o que é ser bonito. Como uma pessoa deve ser para ser bonita?</p> <p>Tentei mostrar às crianças que nem sempre temos a mesma opinião sobre um assunto, mas que o mundo seria muito ruim se todos pensassem iguais e se só existisse um único padrão de beleza.</p> <p>Destaquei que é muito importante respeitar as diferenças.</p> |

|   |  |
|---|--|
|   | <p>A professora titular já havia contado a história para as crianças, o que facilitou o diálogo com as crianças.</p> <p>Devido a Copa do Mundo na África do Sul, muitas crianças já haviam escutado falar em África.</p> |
| <p>Ilustração da parte da história que mais gostou.</p> | <p>Sugeri as crianças que desenhassem:</p> <ul style="list-style-type: none"> <li>a) a menina do laço de fita e a mãe;</li> <li>b) o coelho e sua nova família;</li> <li>c) suas famílias.</li> </ul>                    |
| <p>Realização de um trabalho de arte</p>                | <p>Montagem da menina bonita do laço de fita e coelhos coloridos, utilizando papel, cola fita, etc. Confeção de um mural, contendo o reconto da história, as ilustrações e os trabalhos de arte.</p>                     |



Foto: Cristiany Araujo



|   |   |
|---|---|
| <p><b>As tranças de Bintou</b><br/>Leitura do livro</p> | <p>Fiz a leitura da história com as crianças assentadas em uma roda. Mostrei as ilustrações.</p>  |
| <p>Roda de conversa sobre a história</p>                | <p>Falei com as crianças que não existe cabelo ruim, e sim cabelos com diferentes texturas. As crianças se observaram no espelho e observaram o cabelo dos demais colegas. Abordei alguns componentes presentes na história, referente a identidade da criança, como as diferentes fases da vida, infância, juventude, fase adulta e velhice. Fizemos comparações entre as culturas dos povos. No Brasil, qualquer criança pode fazer tranças no cabelo, já nas terras onde Bintou mora, ela precisa ter uma certa idade para fazer o penteado que tanto sonha.</p> |
| <p>Reconto e ilustração da história</p>                 | <p>Montamos um mural com o reconto e as ilustrações das partes que mais gostaram da história.</p>   |
| <p>Penteado</p>   | <p>Ao final da história, perguntei quem gostaria de pentear o cabelo como a personagem “Bintou”.<br/><br/>Uma criança se ofereceu; fiz os biotes em seu cabelo com o auxílio dos colegas que me entregavam o creme, pente e elástico de cabelo.</p>   |

Ao final fomos ao espelho para que ela apreciasse o penteado e fizemos uma sessão de fotografias.



Foto: Cristiany Araujo



Foto: Cristiany Araujo



Foto: Cristiany Araujo



Foto: Cristiany Araujo

## SEGUNDA FASE: “Conhecendo a África”

Partindo do pressuposto que as crianças na educação infantil, já começaram a compreender o que está perto, longe, em cima, embaixo, começaram a se referenciar por um ponto deslocado de seu próprio corpo, pode-se aproveitar o momento para trabalhar a questão racial e a História da África, por meio da leitura do mundo, trabalhando noções de países, continentes, oceanos etc.

Na segunda fase, na qual dei o nome de “**Conhecendo a África**”, apresentei as crianças o continente africano, focando a cultura e a localização geográfica. Identificamos o continente no globo terrestre e no mapa, destacando os países que falam a língua portuguesa.

Os valores, as línguas faladas, as crenças, as tradições e a cultura expressa no espaço por meio de marcas que configuram as paisagens e a percepção dessas paisagens passam a fundamentar a noção de espaço da criança e fazem parte da noção de espaço geográfico.

Projetamos o filme “Kiriku e a Feiticeira”, e destacamos o heroísmo de uma criança negra, ao salvar a sua aldeia da malvada feiticeira Karabá. Mostrei alguns aspectos culturais presentes na história, como por exemplo, a alegria do povo da aldeia, seus costumes, vestimentas, penteados, a linguagem, alimentação, a dança, a música, as brincadeiras das crianças e o valor da pessoa mais velha.

A história relatada no desenho animado *Kiriku e a Feiticeira* é rica em fantasias, aventuras e lições de vida. O filme permite a discussão não só da cultura africana, mas também a de valores como a amizade, o respeito, a persistência, os conflitos entre as pessoas de uma mesma comunidade, a inveja, a dor, etc.

Em uma atividade, relacionada ao filme, verificamos o caminho geográfico feito da África para o Brasil por meio do Globo terrestre e mapas.

A representação ideal para a primeira visualização do mundo pela criança é por meio do GLOBO, porque ela conseguirá associar de forma concreta, para um modelo menor. A criança já consegue perceber esta miniaturização dos objetos através de seus próprios brinquedos (carrinhos, bonecas, etc.).

| ATIVIDADE   | DESENVOLVIMENTO E COMENTÁRIOS   |
|---|---|
| <b>Sessão Cinema: Kiriku e a Feiticeira</b>   |   |
| Projeção do filme   | Para a realização dessa atividade, o ambiente foi cuidadosamente preparado. A sala foi transformada em um “cinema”. Escurecemos o local com TNT escuro nas janelas e o filme foi projetado por um instrumento de data show. Foram servidos às crianças, pipoca e refrigerante.  |
| Roda de conversa sobre o filme  | Formamos na sala uma roda de conversa onde falamos sobre o filme Kiriku e a Feiticeira, enfatizando o seu heroísmo, sua coragem e o local onde Kiriku morava. Fizemos uma reflexão sobre os comportamentos das personagens do filme.  |
|  <p data-bbox="743 1465 961 1493">Foto: Cristiany Araujo</p> |   |
| Localização geográfica  | <p>Tomando como base as Histórias da “Menina Bonita do Laço de fita”, “As tranças de Bintou” e o filme “Kiriku e a feiticeira.</p> <p>Utilizei um globo terrestre iluminado, onde fizemos a localização geográfica Brasil e África e a distância que os separa. Falamos que a avó da menina bonita morava na África, A Bintou e o Kiriku também.</p> <p>Foquei a discussão nos costumes dos povos africanos: vestimentas, alimentos, música, dança, brincadeiras etc.</p> |

Durante toda a atividade, demonstrei o globo terrestre e um mapa, para que se aproximassem da idéia do que é um continente ou país.

Expliquei as crianças que há muitos anos, vários povos africanos foram trazidos para o Brasil de forma escrava. Enfoquei a luta para se libertarem da escravidão.

As crianças acreditavam que era possível ir nadando de uma continente a outro.

Por meio da atividade e com a utilização de mapas as crianças visualizaram a dimensão dos países e observaram as rotas marítimas realizadas durante o período escravagista.

Montagem e exposição de cartazes As crianças coloriram dos dois continentes, um barco, um navio e o mar. Fizemos um cartaz sobre a localização geográfica.



Foto: Cristiany Araujo



Foto: Cristiany Araujo



Foto: Cristiany Araujo



Foto: Cristiany Araujo

### TERCEIRA FASE: "Música, capoeira e muita cultura"

Já na terceira fase do trabalho, "Música, capoeira e muita cultura" busquei desenvolver atividades que mostrassem aspectos da cultura afro, presentes no nosso cotidiano. Utilizei dois livros de literatura infantil, "Berimbau" e "Bruna e a Galinha d'Angola", que me possibilitou mostrar aspectos culturais, como por exemplo, a música, os instrumentos de percussão, a capoeira, o artesanato, a pintura e as artes em geral, dentre outros.

O livro "Berimbau", conta a história de Léo, um menino negro que encontra um homem no meio do canavial. Ele lhe dá de presente um berimbau, e Leo, com a ajuda da música, descobre as raízes da cultura de seu povo.

Já no livro "Bruna e a Galinha d'Angola", uma menina, neta de africana, conquista amizades depois que ganha uma galinha d'angola. A história mostra o quanto objetos são significativos e fundamentais para rememorar.

As crianças participaram de uma oficina de música, na Associação Comunitária do bairro, onde tiveram contato com vários instrumentos de percussão, dentre eles o tambor.

Exploramos também outros ritmos e instrumentos que nos remetem a cultura negra, como por exemplo, o atabaque e o berimbau. Para a realização dessa atividade, utilizamos os próprios instrumentos e os sons gravados em um cd.

Proporcionamos outras oficinas, além da oficina de penteados e a oficina de música, as crianças participaram da oficina de capoeira.

| ATIVIDADE                | DESENVOLVIMENTO E COMENTÁRIOS   |
|--------------------------|---|
| <b>Oficina de Música</b> |   |
| Oficina de Música        | A professora titular, a coordenadora, um estagiário e eu, levamos as crianças em uma oficina de musicalização, na Associação Comunitária do bairro, onde fomos recebidos pelo músico Gabriel. Além de ouvirem histórias musicadas, as crianças tiveram contato com instrumentos de percussão, como por exemplo, o tambor. |



Foto: Cristiany Araujo



Foto: Cristiany Araujo



Foto: Cristiany Araujo



Foto: Cristiany Araujo



Foto: Cristiany Araujo



|  |  |
|--|--|
| <p>Livro animado:<br/><b>Berimbau</b></p> <p>Projeção do livro animado</p> | <p>Como recurso metodológico, utilizei o Berimbau e o DVD animado “A Cor da Cultura”<sup>1</sup>. Levei para a sala um instrumento de Berimbau para auxiliar na contação da história.</p> <p>O Livro conta a história do resgate de uma comunidade, por meio de um berimbau. Com o Berimbau, o moleque Léo recupera a trajetória de sua comunidade desde o tempo da escravidão.</p>  |
| <p>Roda de conversa sobre a história</p>                                   | <p>Conversei com as crianças sobre elementos constantes na história. Qual a parte que mais gostaram? Por quê? Alguma criança já conhecia e berimbau? E a capoeira?</p> <p>Deixei que as crianças tivessem contato com o Berimbau e que fizessem barulho.</p> <p>Em seguida as crianças ouviram os sons de outros instrumentos que nos remetem à cultura africana. Coloquei para as crianças o CD “Gonguê<sup>2</sup>, a herança africana que construiu a música brasileira”, do programa a Cor da Cultura.</p> |

<sup>1</sup> A Cor da Cultura é um projeto social de valorização do patrimônio cultural afro-brasileiro e de reconhecimento da história e da contribuição da população negra à sociedade brasileira. Fazem parte do projeto, materiais áudio visuais que compõem um kit educativo, dentre os quais se incluem os DVDs e CDs utilizados neste plano de ação pedagógica.

<sup>2</sup> O CD Gonguê, foi produzido e composto por Fernando Moura e Carlos Negreiros, faz parte do projeto A Cor da Cultura. Gonguê é o nome de um instrumento musical de tradição africana. Este cd traz uma coletânea de sons de diversos instrumentos, dentre eles, o caxixi, marimba, surdo, pandeiro, atabaque, cuíca, agogô, etc.

|   |   |
|---|---|
|   | <p>As crianças falaram que já haviam visto o instrumento, mas nunca tocaram.</p> <p>Muitos falaram sobre a capoeira e manifestaram interesse em jogar a capoeira.</p>   |
| <p>Atividade de sensibilização e arte</p> | <p>Quando Léo olhou para o céu pela primeira vez, ele não viu nada. O que vocês vêem quando olham para o céu? Propus as crianças, que do lado de fora da sala, deitados no chão, olhassem para o céu.</p> <p>Confeccionamos com papel, cola, lápis de cor e outros materiais, aquilo que vemos quando olhamos para o céu. Penduramos no teto da sala.</p> |



Foto: Cristiany Araujo



Foto: Cristiany Araujo



Foto: Cristiany Araujo



Foto: Cristiany Araujo

### Oficina de capoeira

Oficina de capoeira

Antes da oficina, expliquei às crianças que a capoeira é um jogo de destreza usado tanto para diversão como para defesa pessoal. É um jogo originado da Angola (mostrei a localização de Angola, utilizando o globo terrestre), e que foi introduzido no Brasil pelos escravos africanos.

Para a realização dessa oficina, foi convidado o capoeirista Welerson, morador da comunidade.

A oficina foi realizada dentro da sala de aula, devido à forte chuva que caía no momento.

Ele “bateu um papo” descontraído com as crianças. Perguntou a elas, o que sabiam sobre a capoeira; o que sabiam sobre o berimbau. Perguntou também, quem já havia visto uma roda de capoeira, dentre outras perguntas.

O Welerson contou um pouco sobre a história da capoeira, destacando-a como uma forma de resistência a escravidão;

Oficina de capoeira

explicou que o berimbau rege o jogo da capoeira. O jeito que se toca o berimbau é que vai determinar como vai ser a ginga.

Na seqüência, ele fez demonstração e cantou diversas canções com a participação das crianças.

Falou com as crianças sobre a sua experiência com a capoeira, sobre a corda, os instrumentos utilizados (tambor, pandeiro, berimbau), sobre a ginga e em seguida, montaram uma roda de capoeira, ensinando as crianças a gíngarem.

As respostas das crianças foram as mais diversas possíveis, elas relacionaram a capoeira ao tambor, água, tuntum, som e berimbau. Quando questionadas quanto à função do berimbau, disseram que ele serve para tocar e para dançar.

Alguns disseram que já haviam visto roda de capoeira no parque municipal.

Por fim, prometeu retornar em outro dia, com outros capoeiristas para montarem uma grande roda ao ar livre, com a participação das outras turmas da escola.



Foto: Cristiany Araujo



Foto: Cristiany Araujo



Foto: Cristiany Araujo



Foto: Cristiany Araujo



Foto: Cristiany Araujo



Foto: Cristiany Araujo



Foto: Cristiany Araujo



Foto: Cristiany Araujo



|   |  |
|---|--|
| <p><b>Bruna e a galinha d'Angola</b><br/>Leitura do livro</p> | <p>O livro conta a história de uma menina solitária que, ao ganhar uma galinha, faz amizades e acaba recuperando a história de sua comunidade. A galinha serve de instrumento para recuperar a história da comunidade de Bruna, procurando a filiação de sua aldeia com a África; ao retratar o mito da criação do mundo.</p> <p>Para a realização dessa atividade, contei com a colaboração da educadora e coordenadora pedagógica, Eliana. Foi ela que contou a história para as crianças.</p>   |
| <p>Roda de conversa sobre a história</p>                      | <p>Durante a conversa, enfatizei os valores cultivados na África: sentimento de tribo, solidariedade, perdão, união etc. Será como a gente fica sabendo das histórias de antigamente? Quem é que conheceu ou ainda tem uma avó ou avô? A sua avó te ensinou alguma brincadeira ou te contou alguma história de quando ela era criança?</p> <p>Falei também sobre a galinha d'angola; questionando quem já conhece essa galinha.</p> <p>Contei um pouco sobre a galinha d'angola, explicando ela é originária da África e foi trazida para o Brasil na época da escravidão. Apesar de ser domesticada há bastante tempo, preserva ainda alguns de seus hábitos selvagens. Anda em bandos e é muito barulhenta.</p> <p>Durante a roda de conversa, imitamos a galinha d'angola, gritando "Tô fraco", "Tô fraco".</p> |

|   |  |
|---|--|
| <p>Música: A Galinha d'angola de Vinícius de Moraes</p>   | <p>Apreciamos a música, tocada em um cd e em seguida acompanhamos cantando.</p>  |
| <p>Atividade de Arte:<br/><b>Artesanato de Argila</b></p> | <p>Por meio do pano da avó de Bruna, desvela-se todo um processo de resgate das raízes das tradições afro-brasileiras, nas quais as confecções das galinhas de argila e da pintura de tecidos ocupam lugar fundamental nas tradições das comunidades. Bruna ensinou as amigas a fazer a galinha de argila e depois as mulheres da comunidade aprenderam a pintar os tecidos com as cores do panô da avó.</p> <p>Modelamos de galinhas d'Angola, vasilhas e tigelas, utilizando argila e tinta.</p> |



Foto: Cristiany Araujo



Foto: Cristiany Araujo



Foto: Cristiany Araujo



Foto: Cristiany Araujo



Foto: Cristiany Araujo



Foto: Cristiany Araujo



Foto: Cristiany Araujo



Foto: Cristiany Araujo

## Pintura de Panôs

Atividade de Arte: **Pintura**

Fizemos pintura de panôs.

As crianças fizeram pinturas livres. Foram orientadas a pintarem temas relacionados à história da Bruna e a Galinha da Angola, mas tiveram liberdade de escolha e expressão da arte.

Uma das crianças resolveu desenhar e pintar a Bintou, da história “As tranças de Bintou”.



Foto: Cristiany Araujo



Foto: Cristiany Araujo



Foto: Cristiany Araujo



Foto: Cristiany Araujo



Foto: Cristiany Araujo



Foto: Cristiany Araujo



Foto: Cristiany Araujo



Foto: Cristiany Araujo



Foto: Cristiany Araujo

#### QUARTA FASE: Culminância: “Conhecendo Zumbi”

Na quarta e última fase, “Conhecendo Zumbi”, apresentei as crianças, a história de um herói negro: O Zumbi dos Palmares.

| ATIVIDADE                 | DESENVOLVIMENTO   |
|---------------------------|---|
| <b>Zumbi dos Palmares</b> |   |
| Projeção do Filme         | Apresentei a história de Zumbi dos Palmares, por meio do DVD Heróis de Todo Mundo <sup>3</sup> .  |
| Roda de conversa          | Expliquei às crianças que no dia 20 de novembro é o Dia Nacional da Consciência Negra e que esse dia foi escolhido como homenagem a Zumbi, líder máximo do Quilombo de Palmares, morto no dia 20 de novembro. |

A culminância do plano de ação ocorreu na semana que antecede o dia da consciência negra. A semana da consciência negra foi comemorada com uma exposição no pátio da escola de todos os trabalhos artísticos realizados no decorrer do projeto: vasilhas e galinhas de barro, panôs, cartazes, murais, ilustrações das histórias, reconto das histórias e fotografias das oficinas realizadas. Além disso, produzi cartazes com informações positivas e curiosidades sobre o continente africano e sobre a herança africana na nossa cultura.

<sup>3</sup> O DVD Heróis de Todo Mundo, integra o Kit de materiais didáticos do programa A Cor da Cultura. A série destaca personagens afro-brasileiros, fundamentais na nossa História e que são desconhecidos pela maioria dos brasileiros, dentre eles, podemos citar Auta de Souza, André Rebouças, Pixinguinha, Mario de Andrade, etc.



Foto: Cristiany Araujo

### **3. AVALIAÇÃO**

A avaliação do desenvolvimento das crianças ocorreu por meio do acompanhamento, da interação e intervenção quando necessário. Durante as observações, busquei encorajar a livre expressão, considerando as crianças como sujeitos do processo e capazes de reorientar a prática de sua avaliação.

A realização desse trabalho possibilitou um caminho para a construção da cidadania e identidade das crianças, em especial, as crianças negras. Pude observar que as atividades realizadas contribuíram significativamente para a valorização da diversidade da cultura africana.

Considero positiva a intervenção, uma vez que as crianças participaram ativamente das rodas de conversas e trabalho de artes e ouviram atentamente as histórias, demonstrando interesse pelos assuntos tratados.

O envolvimento das crianças nas atividades propostas, os diálogos, as histórias, as atividades artísticas, a capoeira, os instrumentos, a demonstração da auto-estima, foram ganhos para o convívio, tanto pessoal, quanto social.

Neste sentido, creio que os objetivos dessa intervenção foram alcançados, sendo que as experiências vivenciadas serviram como base na construção da identidade étnico-racial, aumento da auto-estima e conhecimento acerca da cultura africana.

#### 4. CONSIDERAÇÕES FINAIS

O curso de especialização, juntamente com a intervenção realizada na escola me possibilitou um novo olhar sobre a questão racial, o continente africano, a nossa cultura afro-descendente e, sobretudo como são tratadas essas relações dentro do ambiente escolar. Possibilitou-me também repensar na minha experiência como educadora, nas realizações das escolas e em tudo o que sei e o que não sei sobre a temática racial. Enfrentei muitas limitações de conhecimentos e me vi realmente mergulhada na questão racial.

Como citado anteriormente, passei a ter um novo olhar, acerca dessa questão. No decorrer do curso, notei que o cotidiano escolar revela uma grande inclinação para corresponder ao padrão branco e europeu, uma vez que negligência os valores referentes às matrizes africanas.

Inconscientemente, muitos educadores acentuam o estigma de inferioridade em muitas crianças negras, reproduzindo assim uma educação que pode comprometer a sua auto-estima. A negação das questões que envolvem o negro na escola poderá contribuir para a acentuação da exclusão social, não somente no ambiente escolar, mas também em outros espaços sociais.

Com olhar mais crítico, percebi que existe uma grande lacuna a ser preenchida na formação dos professores. Muitas educadoras que trabalham comigo acharam interessante o trabalho que foi desenvolvido por mim na escola; algumas me parabenizaram; outras não tiveram nenhum tipo de demonstração. O que vale a pena ressaltar que não ocorreu um envolvimento do corpo docente. Mesmo achando interessante, elas não se viram como parte integrante desse processo de formação.

Passei a ficar mais atenta as posturas adotadas dentro das instituições onde trabalho e também as falas de muitos professores, colegas de trabalho ou não. Em um desses momentos, algumas professoras de outra rede de ensino, sabendo que eu estava cursando o referido curso, me procuraram para saber se eu tinha algum “desenho para colorir”, ou se eu tinha alguma dica para que elas pudessem desenvolver alguma “atividade prática e rápida”, para ser apresentada em uma feira de cultura, em comemoração ao dia da consciência negra. Notei que a feira era uma exigência da rede, e que essas mesmas professoras estavam preocupadas em cumprir tal determinação e não em promover uma reflexão acerca do tema na escola.

Constato com isso que os professores, em sua maioria, negros ou não, ainda não estão preparados para trabalhar a questão racial na escola, embora eu tenha percebido alguns indícios de avanços nessa questão.

Essa intervenção possibilitou uma aproximação maior com problemas reais na escola, onde também percebi e analisei as ações excludentes acima mencionadas, que nós mesmos praticamos no cotidiano escolar.

Com isso, conclui que não basta apenas uma exigência legal, como a Lei 10.639, é necessário que questão racial se torne prática efetiva e que o professor tenha uma postura ética e profissional, repensando as práticas, os valores, o currículo e conteúdos, a partir da realidade social, cultural e étnica.

Os profissionais da educação infantil devem sempre intervir de forma positiva em relação às crianças e as questões raciais. Além disso, torna-se necessário uma constante atualização quanto às práticas educativas. Há a necessidade de se formar educadores críticos preparados para lidar com a diversidade cultural na escola. Os educadores infantis devem se conscientizar que é no período que abrange a idade entre zero a seis anos que são lançadas as bases para as aprendizagens futuras e formação da identidade da criança.

O educador deve buscar educar na diferença, respeitando e resgatando as memórias que vieram da África, e que hoje se encontram intimamente entrelaçadas na formação da sociedade brasileira e que pertencem a todos, sejam brancos ou negros.

Espero que essa experiência possa servir como inspiração e incentivo para outros (as) educadores (as) que em sua prática docente desejem realizar ações em busca de uma sociedade realmente igualitária.

As atividades que foram realizadas no decorrer desse semestre, não devem ser tomadas como receitas, mas como possibilidades a serem construídas, reconstruídas, ampliadas e enriquecidas com a criatividade das educadoras e educadores.

Essa intervenção pode e deve ter uma continuidade. A temática da cultura afro-brasileira mostra que o conhecimento é ilimitado, uma vez que possui inúmeras possibilidades e caminhos.

## 5. REFERÊNCIAS

ALMEIDA, Gercilga de. **Bruna e a Galinha D'Angola**. Rio de Janeiro: Editora Didática e Científica e Pallas Editora, 2000.

BRASIL. **Constituição da República Federativa do Brasil**: promulgada em 5 de outubro de 1988, Art. 208, Inciso IV.

BRASIL. LEI N 10.639 de 9 de janeiro de 2003. Altera a Lei de Diretrizes e Bases da Educação n 9.394 de 20 de dezembro de 1996. Diário Oficial da República Federativa do Brasil, Brasília, DF, 9 de janeiro de 2003.

DIOUF, Sylviane A. **As tranças de Bintou**. São Paulo: Cosac & Naify, 2004.

CAVALLEIRO, Eliane, **Do Silêncio do Lar ao Silêncio Escolar**: Racismo, Preconceito e discriminação na Educação Infantil. São Paulo, Contexto, 2003.

ESPÍ, Maria Del Pilar. **Vivendo a diversidade – cultura afro-brasileira**. Ilustrações: Márcio Luiz de Castro. Vol. 1. 1ª edição. São Paulo: Fapi, 2008.

FREIRE, P. **Pedagogia da Autonomia**. 20ª Ed. São Paulo: Paz e Terra, 1983.

MACHADO. Maria Helena. **Menina bonita do laço de fita**. São Paulo-SP. Ed. Ática, 2007.

MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO. **Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação das Relações Étnico-Raciais e para o Ensino de História e Cultura Afro-Brasileira**. Brasília, DF, junho, 2005

MUNANGA, Kabengele (Org.). **Superando o Racismo na Escola**. 2ª. Ed. revisada. Brasília: Ministério da Educação, Secretaria de Educação Continuada, Alfabetização e Diversidade, 2005.

RIBEIRO, Romilda Iyakemi. Até quando educaremos exclusivamente para a branquitude? Redes de significado na construção da identidade e da cidadania. In: POTO, M R S, CATANI, A M, PRUDENTE, C L e GILIOLI, R S. **Negro, educação e multiculturalismo**: Editor Panorama, 2002.

SANTA ROSA, Nereide Schialo. **Festas e tradições**. São Paulo: Moderna, 2001, p.22 - 23.

PARR, Todd. **O livro da família**. São Paulo: Panda Books, 2003.

## **REFERÊNCIAS AOS FILMES E CDs:**

A ARCA DE NOÉ VOL. 2, CD. Gravadora: Mercury. Ano de Lançamento: 2005. **A Galinha D'Angola** – Ney Matogrosso. Faixa 10.

Fundação Roberto Marinho. Livros Animados. Programa A cor da Cultura. DVD 3. **Berimbau**. Episódio 08.

Fundação Roberto Marinho. **Gonguê**, a herança africana que construiu a música brasileira. Programa A cor da Cultura. CD 16 faixas.

Fundação Roberto Marinho. **Heróis de Todo Mundo**. Programa A cor da Cultura. DVD 1. Zumbi dos Palmares, por Martinho da Vila. Faixa 27.

**Kirikou e a Feiticeira** (Kirikou et la Sorcière). 1998. 71 min. Michel Ocelot. França/ Bélgica/ Luxemburgo, Cult Filmes.

## 6. ANEXOS

### CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIMENTO

Em cumprimento ao protocolo da pesquisa “A ÁFRICA QUE EXISTE EM NÓS: UMA EXPERIÊNCIA PEDAGÓGICA NA EDUCAÇÃO INFANTIL”, de Cristiany Maria do S. Araujo – aluna do curso de Especialização em Docência na Educação Básica na área de concentração História da África e Culturas Afro-Brasileiras da Universidade Federal de Minas Gerais – realizada no ano de 2010, na Unidade Municipal de Educação Infantil (UMEI) Caetano Furquim, da Rede Municipal de Ensino da Prefeitura de Belo Horizonte – MG, e dando continuidade ao tratamento ético dos dados, solicito a autorização dos pais ou responsáveis dos alunos envolvidos no estudo para utilização de imagens obtidas por meio de fotografias e/ou filmagens na produção do relatório de pesquisa. Essas imagens serão utilizadas para fins estritamente científicos ligados a esta pesquisa.

Atenciosamente,

\_\_\_\_\_  
Cristiany Maria do S. Araujo

Eu, \_\_\_\_\_,  
responsável pelo (a) aluno

(a) \_\_\_\_\_, autorizo a utilização das imagens do meu filho (a) na produção da pesquisa “A ÁFRICA QUE EXISTE EM NÓS: UMA EXPERIÊNCIA PEDAGÓGICA NA EDUCAÇÃO INFANTIL”, realizada por Cristiany Maria do S. Araujo, no ano de 2010, na turma de crianças com idade entre 4 a 5 anos, na UMEI Caetano Furquim, da Prefeitura Municipal de Belo Horizonte.

Assinatura do (a) responsável: \_\_\_\_\_

Carteira de Identidade nº: \_\_\_\_\_

Data: \_\_\_\_/\_\_\_\_/\_\_\_\_

Telefone: \_\_\_\_\_